



Perigo

Na terceira reportagem da série *Perigo no prato*, o Grupo de Investigação da RBS (GDI) mostra como toneladas de agrotóxicos proibidos no Brasil, mas utilizados no campo, podem ser comprados no Paraguai e no Uruguai. Os agroquímicos ingressam no país sem dificuldades, transportados por contrabandistas que cruzam a fronteira e os colocam no comércio ou revendem direto para agricultores. Defensivos agrícolas clandestinos, usados de forma indiscriminada, potencializam riscos de doenças crônicas, inclusive câncer.

Com furos por toda parte na teia do sistema de controle, uma indústria criminosa se desenvolve. No Interior e na Região Metropolitana, agropecuárias vendem substâncias de acesso restrito sem a exigência da receita agrônômica. E o resultado pode estar no seu prato: verduras e frutas contaminadas por agrotóxicos proibidos, usados de forma inadequada ou em limite acima do permitido, conforme revela reportagem do GDI publicada em Zero Hora desde segunda-feira.

CONTRABANDO

CARLOS ROLLING
carlos.rollsing@zerohora.com.br

FÁBIO ALMEIDA
fabio.almeida@rbstv.com.br

HUMBERTO TREZZI
humberto.trezzi@zerohora.com.br



1) No Paraguai, jovem anuncia venda de agrotóxicos

2) Líder da quadrilha detalha como funciona o esquema

3) Armas, maconha, crack e cocaína também são oferecidos

Garoava na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, mas havia fluxo intenso de vans, carros, motos e pedestres na Ponte da Amizade, que liga Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este. No lado paraguaio, tradicional reduto de compras, telões suspensos piscam, chamando atenção para propagandas. Panfleteiros, numerosos, ofertam todo tipo de eletrônicos, mas uma breve conversa é suficiente para colocar outros produtos em negociação.

- Não quero eletrônico. Quero saber quem faz transporte de mercadoria para o Brasil - responde o repórter a um jovem com feições indígenas.

- O que você quer transportar? - indaga o rapaz.

- Agrotóxico.

- Tenho um amigo. Já tem a mercadoria para levar ou não é para hoje?

Começava assim, às claras, na muvuca da Avenida San Blas, principal do comércio de Ciudad Del Este, a conversa que iria flagrar como funciona o esquema para contrabandear agrotóxicos do Paraguai para o Brasil. Era manhã de uma quinta-feira, 13 de outubro, e o jovem indígena afirmou que um "amigo" viria ao encontro do novo cliente. Após contato por WhatsApp e uma ligação, mudança de planos: o comprador deveria ir até o bunker do contrabandista.

LOJA DE PERFUMES SERVE DE FACHADA PARA QUADRILHA

Breve caminhada levou a uma rua paralela, igualmente tomada por comércio, controlado na região por paraguaios, brasileiros e coreanos. O destino ficava em uma galeria, logo na primeira loja, à direita. A atividade principal do estabelecimento é, supostamente, a venda de perfumes. Mas, passando por um estreito corredor entre o caixa e a parede, é possível ver uma porta do lado direito, oculta para quem olha do outro lado do balcão. A entrada escondida leva a uma saleta claustrofóbica onde se desenrola a real atividade daquele comércio: o contrabando.

Antes de o repórter terminar a primeira frase, o homem que venderia agrotóxico de forma irregular revista o repórter. Queria saber se ele estava armado. Dois comparsas se apertam na salinha.

A negociação prossegue e o chefe informa que consegue os agrotóxicos e o transporte. Diz que o comprador pode desistir da compra em uma agropecuária convencional. O agroquímico e o transporte seriam providenciados pelo próprio intermediário.

- Aqui a gente manda qualquer tipo de produto: maconha, pó, pedra. Tenho o agrotóxico e posso entregar em Porto Alegre. Aí paga um pouquinho a mais para mim - exige.

O auxiliar mais direto do contrabandista se aproxima com duas pistolas .40, de uso restrito da polícia no Brasil.

- Isso aqui não te interessa? - questiona o auxiliar. O repórter retoma os detalhes sobre os agrotóxicos que seriam trazidos a Porto

